

OS IMPACTOS DA AUSÊNCIA PATERNA NO DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE¹

Larissa Dias dos Reis

Yorrane Vitória Nunes da Silva

RESUMO

A ausência paterna no desenvolvimento do adolescente é um tema bastante complexo, visto que, tende a ocasionar um desequilíbrio e diversos problemas na formação da personalidade, podendo influenciar no desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental do adolescente. Este artigo teve como objetivo, expor as repercussões que a ausência do pai provoca no adolescente, independente do motivo que a ocasionou. E para a realização deste, fizemos uma revisão bibliográfica utilizando-se do método de pesquisa do tipo qualitativa, ao qual foram selecionados seis (06) artigos que enfocam mais sobre as consequências da falta do genitor no desenvolver do jovem. À vista disso, o estudo sobre essa temática revela-se de suma importância para compreensão das questões vividas pelo adolescente que carece da relação paterna em seu desenvolvimento.

Palavras-chaves: Ausência Paterna 1. Adolescência 2. Desenvolvimento 3.

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os limites cronológicos da adolescência ocorrem entre 10 e 19 anos e, pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos. Estes parâmetros são usados principalmente para propósitos estatísticos e políticos, e para definir o termo jovens adultos, que integram a faixa etária de 20 a 24 anos de idade (WHO, 1986; BRASIL, 2007).

Dizemos que o adolescente vive em crises, o que de acordo com autor Matheus (2007) o termo adolescente vem da expressão “adolescere”, cujo significado é condizente com desenvolver ou crescer. Entretanto, esta mesma expressão possui outro significado, o de adoecer, ao qual, em razão disso, têm-se a ideia de crise, que define a adolescência.

As crises e conflitos vividos constantemente pelos adolescentes, podem estar relacionadas e influenciadas pela ausência paterna, no desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental do indivíduo jovem, e que conseqüentemente, pode gerar notáveis mudanças em suas atitudes e personalidade. A ansiedade, depressão, traumas e comportamentos agressivos são importantes exemplos, que leva o adolescente à conflitos internos, no qual atinge não só a ele, mas também o seu meio social.

¹ Trabalho de Curso apresentado ao Centro Superior UNA de Catalão – UNACAT, como requisito parcial para a integralização do curso de PSICOLOGIA, sob orientação da professora Fernanda Leão.

Corroborando com este contexto, Lebovici (1987) relata que só existe satisfação e uma percepção de segurança, quando aparentemente tudo está bem. Entretanto, se existe raiva, ciúme e ansiedade, este vínculo se torna ameaçado. E caso ocorra uma ruptura dos laços afetivos, há depressão e dor. Assim, os efeitos perniciosos da privação variam de acordo com o grau da mesma, gerando nos adolescentes sequelas nocivas, em graus variáveis, como carência, angústia, sentimentos vingativos, e conseqüentemente, depressão e culpa.

A psicoterapia manifesta-se como um meio de ajuda eficiente, devido ao sentimento de acolhimento que o paciente sente durante a consulta, possibilitando o mesmo de expressar suas emoções e conflitos internos, e sentir-se compreendido. Embora algumas questões da vida sejam imodificáveis, a psicoterapia favorece a evolução e adaptação do ser humano ao mundo real. Logo, ela tem um papel de extrema importância na vida do adolescente, que sofre com a ausência do pai, e é através dela que o indivíduo consegue clarear a mente e organizar suas emoções de modo que as compreenda (MCWILLIAMS, 2004).

Nos dias atuais, a literatura tem demonstrado a efetividade da TCC para conflitos internos, como nos casos de ansiedade e depressão, partindo-se das mesmas premissas básicas, independente da faixa etária que se encontram, distinguindo-se nos meios de acessibilidade e técnicas usadas (MCWILLIAMS, 2004).

Segundo Eizirik e Bergamann (2004), a ausência paterna tem potencial para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo do adolescente, bem como influenciar o desenvolvimento de distúrbios agressivos no comportamento do indivíduo. Com a falta da figura paterna, o adolescente tenta lutar contra o sentimento de amor, pelo pai que o abandonou, devido a este confronto interno, o mesmo fica mentalmente confuso, surgindo, a partir daí, vários transtornos, aos quais leva-o a conseqüências internas e externas.

Diante deste ponto de vista, o adolescente, às vezes, começa a criar situações reais do porquê a figura paterna não é tão presente em sua vida, trazendo para a superfície os sentimentos de culpa, amor, ódio e raiva. Estas emoções, o faz querer de alguma forma, chamar a atenção do pai, seja de forma positiva ou negativa. Além de ter atitudes malvistas pela sociedade, ou por se cobrar um padrão de perfeição para impressionar o pai (EIZIRIK; BERGAMANN, 2004).

De acordo com Sganzerla e Levandowski (2010), mesmo sendo provedor e oferecendo suporte emocional, pode acontecer de o pai não se envolver diretamente com os cuidados, principalmente corporais e brincadeiras, mostrando-se ausente afetivamente. Nesse caso, a ausência paterna é decorrente da distância emocional/falta de afeto, e pode também acontecer naquelas situações em que o pai está fisicamente presente. Mediante a todas essas atitudes,

muito das vezes, o filho sempre voltará a sua dúvida inicial: O que fazer para suprir essa falta que ele sente? Uma vez que tudo o que ele faz, seja de acordo ou não com seu próprio pai, não alcança seu desejo inicial, que é a presença da figura paterna, seja ela física ou emocional.

Diante dessas situações, a mãe se submete ao papel principal na vida desse adolescente, tendo que sustentar a família, suprir as necessidades emocionais e, até mesmo o caos, que às vezes, é deixado pelo pai, em decorrência do divórcio ou o abandono repentino. Cada adolescente filtra essas situações de maneiras diferentes, tornando-as em atitudes positivas, como uma aproximação ainda melhor, vendo o esforço e dedicação da mãe para que nada o falte; ou em atitudes negativas, levando-o a agressividade repentina, ao confronto com a mãe e, que mais tarde pode levar à arrependimentos. A presença de violências no dia a dia familiar, constitui um elemento importante a ser mencionado e problematizado, principalmente quando se refere às repercussões violentas relacionadas a saúde mental de adolescentes. (ROCHA; DINIZ, 2018)

Existem relatos de muitos adolescentes que tiveram experiências maiores em relação as mudanças e a intensidade nos estados emocionais. Estes que ocorrem diariamente e mostram que tem uma reação mais ágil, na resposta à estímulos emocionais, em comparação com pessoas de idades menores ou mais avançadas. (GILBERT, 2012).

Shinn (1978) relata que os efeitos da falta do pai no desenvolvimento cognitivo do adolescente, em famílias com à ausência ou pouca interação do pai com os filhos, resulta-se em um péssimo desempenho nos testes cognitivos de crianças e adolescentes; procedendo em sintomas ansiedade e dificuldades financeiras. Os mesmos apresentam diferenças de grupos, atitudes, comportamentos, gostos, valores e ideologia de vida. Conforme Serra (1997), existem diversos mundos e várias formas de ser adolescente, aos quais essa temática é justificada neste trabalho, a partir de diversos pontos abordados, como o divórcio dos pais, não registro do pai biológico, abandono repentino e diferentes formas de ausência paterna.

Assim diante deste contexto central, define-se como objetivo geral, compreender as consequências que a falta do pai provoca na vida de um adolescente. E consoante a isso, define-se como objetivos específicos: investigar como a ausência paterna é retratada na vida do adolescente e evidenciar as perspectivas da saúde mental, de jovens que convivem/conviveram com a ausência da figura paterna no decorrer de sua vida.

Para fins de concretizar este trabalho, tem-se como base metodológica o levantamento bibliográfico, com o objetivo de identificar os impactos que a ausência paterna causa no desenvolvimento do adolescente e as consequências que esse fato traz a esse indivíduo. E para tal, faz-se necessário uma busca em plataformas científicas de pesquisa eletrônica, estas que

possuem trabalhos referentes ao tema proposto, e a partir desses estudos já realizados é possível apresentar as conclusões obtidas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Adolescência

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) mostra a adolescência como um período que decorre entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 1990). Devido à sua complexidade, essa fase não se limita ao tempo e cronologia que a determina. Segundo Cerqueira-Santos, Melo-Neto e Koller (2014) há maior relação da adolescência com uma fase social e psicológica, do que a associação com a ideia de idades numéricas, visto isso, podemos dizer que a diversidade da adolescência precisa ser compreendida.

Conforme Eisenstein (2005) a adolescência compreende a uma etapa de mudança da vida infantil para a adulta, sendo esta identificada pelos impulsos da evolução física, emocional, mental, social, sexual e pelo empenho do ser humano para conseguir atingir suas metas, correlacionadas com suas perspectivas da cultura do meio social que vivência.

Nesse mesmo sentido, Eisenstein (2005) diz que a idade cronológica, apesar de ser o quesito mais usado para definir à transição adolescente - adulto, muitas vezes não é o melhor critério descritivo em estudos clínicos, antropológicos, entre outros, pois a família é um forte quesito na definição dessa transição citada. O núcleo familiar merece destaque quando se trata do adolescente, sendo assim, o relacionamento familiar apresenta influência única na construção de identidade e na estruturação psíquica desse adolescente. (ROCHA; DINIZ, 2018).

É importante enfatizar que, devido as características de variabilidade e diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais que ocorrem nesta fase (adolescente – adulto), não existe apenas um modelo de adolescência. Cerqueira-Santos, Melo-Neto e Koller (2014) enfatizam que os contratempos, conturbações e tempestades, não são uma regra geral de comportamentos que todos os adolescentes viverão em momentos de suas vidas.

Para Levenfus (2016) ser adolescente no século XXI, mostra-se ser um desafio importante, como na fase adulta, no qual é preciso lidar com padrões de referências e modelos de execução em um ambiente contraditório do seu. Para o estado, que tem no adolescente um problema central em termos de formação, saúde, sexualidade, inserção no mercado de trabalho, consumo, segurança e âmbito familiar.

Esse mundo adulto oferece poucas referências e exemplos para esse adolescente, em que muitas vezes são confusos e contraditórios, no qual ele se vê pressionado a criar suas próprias referências e, construir formas de ser, em um mundo contemporâneo, caracterizado como: complexo, heterogêneo e flexibilizado, cujo adolescente enfrenta muitos desafios, sendo um deles a ausência paterna.

2.2. Ausência paterna

Trapp e Andrade (2017) afirmam que a ausência ou abandono paterno é altamente prejudicial ao desenvolvimento psíquico do adolescente. O pai representa a possibilidade do equilíbrio, conceituado como regulador da capacidade do adolescente investir no mundo real.

A conceituação dessa ausência paterna, tem se mostrado uma definição difícil (EAST; JACKSON; O'BRIEN, 2006), sendo muitas vezes usado para fazer a relação à fenômenos diferentes. De acordo com Dantas, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), um exemplo disso, seria relacionar essa ausência a uma perspectiva mais tradicional de paternidade. Logo, isto ocorreria quando, mesmo sendo fornecido e oferecido suporte emocional à mãe, da mesma maneira que exerce o modelo de poder e de autoridade na presença dos filhos, o pai não se envolvesse diretamente em seus cuidados, principalmente cuidados físicos e de entretenimentos, mostrando-se ausente afetivamente.

Posto isso, a ausência paterna seria decorrente da distância emocional/falta de afeto, que pode ocorrer mesmo em situações que o pai está fisicamente presente, sendo assim um pai presente-ausente. Noto (2001) constata que uma das tarefas básicas da função paterna, seria ser o provedor, aquele que traz os meios do mundo externo, proporcionando assim as condições necessárias para que a mãe possa manter-se à disposição para cuidar do filho. Convém ao pai, ser o suporte da mãe, tanto economicamente quanto emocionalmente, permitindo assim, a tranquilidade necessária para que ela possa desempenhar o seu papel.

Desordens geradas no desenvolvimento psicológico e cognitivo do adolescente, como transtornos emocionais e distúrbios agressivos são evidenciados no comportamento do mesmo (EIZIRIK; BERGAMANN, 2004). Estudos têm associado essa ausência do pai com a criminalidade e o desenvolvimento de jovens infratores, pesquisas têm comprovado o quanto a ausência do genitor, ou uma relação de pouco afeto entre pai e filho, pode ser considerada um fator de risco para o desenvolvimento do indivíduo, estando relacionada, de certo modo, a maior propensão para o envolvimento com a delinquência (SGANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010).

Ferrari (1999 apud DAMIANI; COLOSSI, 2015, p. 93), evidencia que o adolescente que cresce com a ausência paterna, tende a ser agressivo e inseguro, posto que na maioria das culturas, o pai é aquele quem promove a proteção e os recursos necessários para a vida do indivíduo jovem. Quando uma criança/adolescente é criada sem um pai, ela pode desenvolver sentimentos de vulnerabilidade. Se a mãe ou o responsável não conseguir dinheiro suficiente para sustentar a família, o filho do sexo masculino pode desenvolver problemas com relação à instabilidade financeira, todavia, a adolescente do sexo feminino tenderá a ficar fascinada por pessoas ricas. Os sentimentos de indecisão podem se estender a outras áreas da vida desse adolescente, e conseqüentemente, podendo desenvolver transtornos de ansiedade.

De acordo com Muza (1998), os adolescentes que não são acompanhados pelo pai acabam tendo questões relacionadas a orientação sexual, dificuldades de distinguir limites e de aprender regras de convivência social. Esta falta pode se manifestar de diversas maneiras, entre elas, está uma maior tendência para o envolvimento com a delinquência. Isso evidencia a dificuldade de internalização de um pai comum, este capaz de representar à aproximação moral do indivíduo.

No passado, a inexistência do pai foi estudada com ênfase na infância e suas conseqüências para o desenvolvimento do adolescente (EIZIRIK; BERGMANN, 2004). Os problemas comportamentais resultantes da ausência paterna, se manifestam no início da sua vida escolar e podem se manter ao longo dela, ocasionando também o risco ao consumo de drogas, aumento da ausência nas aulas, acarretando resultados negativos como o baixo desempenho escolar, relacionamento frágil com os pais, ansiedade, depressão, instabilidade emocional e expressar seus comportamentos e problemas (CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005).

Existem muitos casos em que a ausência do pai é devido a uma morte repentina, dito isto em acordo com Mota (2008), que ressalta que inicialmente o jovem tende a vivenciar descrença, negação e choque, evita lamentar a morte ou expressar emoções e mesmo que sinta necessidade de se envolver na cerimônia do funeral, e de conversar sobre sua perda, há momentos em que opta pela privacidade, o que deve ser compreendido e prezado.

O pensamento de que a morte não tem sentido é incessante, podendo causar uma sensação de confusão mental, tristeza, culpa, desamparo, rejeição e negação da morte, levando os jovens a agressividade, comportamento antissocial de risco, ideação suicida, uso de álcool ou de drogas, troca de amigos, perda da esperança ou da autoestima, falta de religião e depressão, deixando-os por fim, vulneráveis e cheios de sentimentos novos e assustadores até mesmo para eles. Diante desse fato, a responsabilidade da figura paterna é substituída por uma pessoa próxima ou membro familiar, que em muitos casos é a mãe (MOTA, 2008).

2.3. O duplo papel de uma mãe

A família monoparental (ambiente familiar chefiado por um dos pais), retratada por mães que convivem sozinhas com seus filhos, evidencia um ambiente familiar mais desamparado, seja no âmbito econômico ou do ponto de vista dos cuidados relacionados aos filhos (WALL, 2003).

Devido à baixa renda e os altos índices de estresse, necessitando de maior apoio social, estas famílias demonstram ter mais dificuldades em exercer seus papéis parentais, em comparação com as famílias que possuem os dois genitores presentes (MARIN; PICCININI, 2009). Essas dificuldades podem ocasionar uma menor participação da mãe na vida de seus filhos, pois muitas trabalham excessivamente para conseguir suprir a falta financeira, acarretando dificuldades na escola e comportamentos exteriores que refletem na vida social do adolescente e, no relacionamento com professores, colegas, familiares próximos e amigos. (RODRIGUES; TEIXEIRA, 2011; GONÇALVES, 2013).

Com o passar do tempo, aumenta-se o número de mulheres que decidem voluntariamente ser mães solteiras. À vista disso, Grzankowska, Basińska e Napora (2018) expressa que essa escolha, pode torná-los um grupo social frágil do ponto de vista social, econômico e psicológico.

O aumento de famílias monoparentais lideradas por mães solteiras, chamou a atenção de pesquisadores que trabalham no campo da psicologia social e educacional, visto que, essa situação familiar, geralmente, traz consequências negativas para os filhos e para a mãe (POLLMANN-SCHULT, 2017). O mesmo autor descreve em outro estudo, que as mães solteiras declaram que se sentem infelizes e não satisfeitas com sua vida, precisamente por passarem por problemas financeiros, situação esta, que tende deixarem estas mães mais cansadas, em comparação com as que possuem companheiro. Além disto, as mesmas tendem a apresentar sintomas de ansiedade, depressão, cansaço mental e estresse (POLLMANN-SCHULT, 2018).

Conforme Ferrari (1999 apud DAMIANI; COLOSSI, 2015, p. 93) pode-se dizer que: para o menino, a ausência do pai significa que nada intervém entre ele e sua mãe, o seu objeto desejado, que ela é toda sua. Porém, essa mãe tão amada também começa a dar limites, desencadeando assim “uma guerra”. A presença de ambos os pais é o que permite o adolescente viver de forma mais genuína os processos de identificação e diferenciação, e quando existe a falta de um, sucede uma sobrecarga no papel do outro, gerando um desequilíbrio que pode

causar prejuízo na personalidade do filho e em muitos casos, ocorre uma excessiva presença da mãe, abolindo a personalidade desse adolescente.

Existem muitos casos em que a mãe se sente sobrecarregada e sozinha, sendo assim, se permite ir em busca de um parceiro, Ferrari (1999 apud DAMIANI; COLOSSI, 2015, p. 93) relata a questão dos pais substitutos, estes que mesmo mostrando-se presentes, e às vezes, com a disposição de fazer o papel de pai, também podem se afastar e deixar a criança novamente com esse sentimento de abandono. Partindo desse entendimento, esta situação se torna mais complicada quando a mãe tem relacionamentos rápidos e instáveis. Além do mais, existe uma ambiguidade nos sentimentos da criança ou adolescente em aceitar um substituto para o pai biológico, por mais que o mesmo tenha o decepcionado.

Outro assunto importante a ser abordado, é a situação do término desse relacionamento da mãe, no qual o filho pode se sentir novamente culpado, principalmente quando existe uma construção de laços afetivos, podendo aumentar a sensação de abandono e desamparo.

Em acordo com Benczik (2011), constata-se que o papel da mãe é um fato muito importante a ser enfatizado, diante a problemática da ausência do pai no desenvolvimento da criança. Deve-se levar em consideração a presença de psicopatologia materna, os recursos emocionais desta e o tipo de ligação que existe entre a mãe e filho. Desse relacionamento, pode surgir uma tendência maior ou menor para os conflitos relacionados à falta paterna, ou seja, esta relação seria como uma conciliadora das repercussões dessa falta na vida emocional do adolescente.

2.4. Desenvolvimento emocional do adolescente

Muitos adolescentes relatam ter experiências maiores, em relação as oscilações e intensidade, nos estados emocionais diários, e exibem tempos de reação mais rápidos na resposta à estímulos emocionais em comparação com crianças e adultos (GILBERT, 2012). Essas experiências demonstram ter mais efeito negativo, verificando assim, um aumento contínuo da vivência de emoções negativas durante a adolescência e uma diminuição no relato diário de emoções positivas (LARSON *et al*, 2002; GILBERT, 2012).

A adolescência é a idade de rápidas flutuações de humor (HALL, 1925). As distintas alterações vivenciadas no âmbito emocional, cognitivo e neurológico auxiliam em uma maior amplitude e, na necessidade de utilizar estratégias eficazes de regulação emocional (STEINBERG, 2005; JAFFE; GULLONE; HUGHES, 2010). Nessa fase, os pais são atribuídos como importantes autores de socialização no desenvolvimento emocional de seus filhos,

desempenhando um papel significativo, proporcionando assim a sua promoção e facilitação (BARIOLA, 2011).

Embora a capacidade de estruturação emocional esteja constituída, o objeto de investigação em crianças e adultos, em especial a do adolescente, constitui uma fase do ciclo de vida de grande importância para avaliação dos seus processos e afins. Todas essas experiências no desenvolvimento do adolescente, exigem uma maior capacidade de regulação dos estados emocionais e são acompanhadas por uma maior complexidade desses processos (YAP, 2007). Gross e Thompson (2007) exemplificam que alguns dos sistemas hormonais, neurológicos e cognitivos, estes associados à regulação emocional, desenvolvem-se durante a adolescência.

Segundo Mendes (2009) adolescência é definida por um momento de inúmeras mudanças emocionais, sendo acompanhada do amadurecimento do aspecto afetivo, este que é desenvolvido desde a infância. O desenvolvimento cognitivo e quando há uma maior consciência do eu, enriquecem o desenvolvimento de habilidades para administrar melhor suas emoções em relação ao outro, consigo mesmo e seu meio social.

Um ambiente familiar em que o adolescente presencia com seus pais, na maioria das vezes, experiências afetivas de forma positiva, e uma relação de apego, no qual exista confiança e segurança, pode facilitar o desenvolvimento saudável na adolescência. (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014)

De acordo com os estudos de Meeus *et al.* (2005), no começo da adolescência o apoio parental está mais ligado ao emocional, do que com a construção da identidade/individualidade do adolescente. Portanto, o mesmo estudo aponta que, no término da adolescência, a presença dos pais correlaciona-se com uma maior estabilidade no processo de desenvolvimento da identidade, levando o adolescente ao compromisso social e a menor necessidade desse suporte emocional dos genitores.

2.5. Desenvolvimento cognitivo do adolescente

Conforme os estudos de Shinn (1978) constata em relação aos efeitos da falta do pai no desenvolvimento cognitivo do adolescente, conclui-se que, em famílias com à ausência ou pouca interação do pai com os filhos, tem como consequência um péssimo desempenho nos testes cognitivos de crianças e adolescentes; ansiedade e dificuldades financeiras podem ser exemplos disso.

Para Jensen (2019) o desenvolvimento cognitivo trata-se de modificações no cérebro, que preparam as pessoas para aprender e pensar. Da mesma maneira que na primeira infância, os cérebros na adolescência sujeitam-se ao crescimento e desenvolvimento expressivos. Estas alterações reafirmam a aptidão dos adolescentes de escolher e executar decisões que os auxiliará em seu crescimento no presente e futuro.

O cérebro evolui e se fortalece de três maneiras: a primeira é quando surge novas células cerebrais, a segunda quando há uma redução parcial da eficiência do cérebro, e por último, o melhoramento das conexões entre as células cerebrais. Embora essas alterações sejam céleres, estes processos se prolongam no tempo. Distintas partes do cérebro se desenvolvem em diferentes instantes, com o fragmento cerebral responsável pelo planejamento, pensamento abstrato, e tomada de decisões, que se desenvolvem por último. Geralmente, o cérebro não está completamente desenvolvido e protegido até a metade da década dos 20 anos (JENSEN, 2019).

O mesmo autor citado acima, descrevem que a adolescência é uma etapa crucial na vida do ser humano, no qual ele pode desenvolver e descobrir novas habilidades. As alterações no cérebro transformam o modo de pensar de um jovem e os auxiliam na tomada de decisões da vida adulta. Deste modo, genitores e outros responsáveis precisam recordar que o cérebro juvenil não está completamente desenvolvido. Os adolescentes são capazes de controlar seus ímpetos, no entanto, tendem a fazer escolhas com base nas emoções e não na razão. Ademais, os processos de pensar e tomar providência de um jovem são variáveis cotidianamente. Tendo em mente estas questões, os adultos conseguem ajudar os adolescentes no que necessitam ao longo de seu desenvolvimento cerebral.

O desenvolvimento cognitivo, assim como o físico, ocorre em um tempo diferente para cada jovem. Consequentemente, adolescentes da mesma faixa etária não possuem as mesmas aptidões de pensamentos lógicos e mentais. Além do mais, a evolução cerebral acontece em um ritmo distinto do desenvolvimento físico, e isso quer dizer que o pensamento de um adolescente pode não coincidir com sua fisionomia. (JENSEN, 2019).

2.6. Desenvolvimento comportamental do adolescente

A adolescência, conforme acordado entre Kalina e Laufer (1974), é o segundo grande salto para a vida, o salto em direção a si mesmo, como um ser privativo. Esses autores diferenciam puberdade de adolescência. Puberdade remete aos fenômenos fisiológicos, que abrangem as mudanças corporais e hormonais, em contrapartida, a adolescência diz respeito aos componentes psicossociais desse mesmo processo.

Melvin e Wolkmar (1993) também fazem essa diferenciação e constataam que: na puberdade, a maturação física é mais abundante e que a idade real de início é variável, sendo para as meninas em torno dos 10 anos e para os meninos aos 12 anos. O processo de transformações entre meninas e meninos, durante a puberdade são diferentes, havendo uma diversificação dentro do mesmo grupo sexual (SERRA, 1997; BEE; BOYD, 2011). A adolescência, cujo início corresponde com a puberdade é induzida por essas manifestações.

Os componentes psicológicos e fisiológicos indispensáveis desse período são preexistentes no ser humano, independente da fase histórica ou cultural, mesmo que não houvesse a distinção das características específicas da adolescência (SPRINTHALL; COLLINS, 1999). Isso pode ser exemplificado com a amizade, quesito muito notável nessa fase, e Brun (2007), escreve que a mesma, corresponde a uma necessidade fundamental de encontro com o outro e, que esteve presente desde o princípio das civilizações, mesmo que identifique características das diferentes culturas ou épocas.

Sprinthall e Collins (1999) apontam que Aristóteles descreveu os jovens, no século IV a.C., como apaixonados, irritáveis e capazes de serem orientados por seus impulsos. Ele considerava que os jovens eram excessivamente positivos em seus pensamentos e que se imaginavam sábios, embora achassem que a circunstância mais importante da adolescência fosse a capacidade para escolher e que a independência seria um indicativo de maturidade. De acordo com esse filósofo, as atividades intensas visando competições só deveriam acontecer três anos depois do fim da puberdade para não prejudicar o desenvolvimento biológico.

Na adolescência, os jovens apresentam grupos variados com atitudes, valores, comportamentos, gostos e filosofias de vida diferentes. Segundo Serra (1997), existem distintos mundos e diversas maneiras de ser adolescente. As experimentações vividas pelo indivíduo, no decorrer da vida, o determinam como ser único, embora compartilhe algumas particularidades com outros jovens.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa do tipo bibliográfica, seguindo o objetivo de descrever as principais consequências da ausência da função paterna no desenvolvimento do adolescente. Para este fim, iniciou-se um estudo, baseando-se em informações presentes em sites de bases dados científicos, sendo estes Scientific Electronic Library Online (Scielo), o Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e a Revista Ciência Contemporânea. A escolha do trabalho sobreveio com base nos parâmetros do tema, data de publicação e palavras-chaves,

no entanto, o critério de exclusão, foi baseado nos textos que não guardavam relação com a temática referida.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica. Pesquisas qualitativas procuram compreender em seu meio natural, um fenômeno e do qual eles pertencem, e assim utilizam-se diversos métodos, procedimentos e análises. Considerou-se para a busca as palavras-chaves em consonância com três objetivos definidos para a execução da presente pesquisa (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). Para alcançar os propósitos estabelecidos neste trabalho, foram utilizados três conjuntos de palavras-chave, sendo estes: Ausência Paterna; Adolescência e Terapia Cognitivo Comportamental.

Dessa maneira, foram utilizados critérios para a escolha dos artigos científicos examinados, no qual foram 35 trabalhos encontrados em relação a ausência paterna, sendo selecionados seis (6) artigos com maior relevância, e que tratam de forma mais focalizada esses impactos da ausência paterna no desenvolvimento do adolescente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das pesquisas realizadas para o presente trabalho, foi possível selecionar seis (06) artigos dos seguintes autores: Mason *et al.* (1994); Felzenszwalb (2003); Pratta e Santos (2007); Eizirik e Bergamann (2004); Damiani e Colossi (2015); Trapp e Andrade (2017) estes que foram analisados e revisados, atendendo assim a proposta inicial e alcançando os resultados esperados.

4.1. A ausência paterna no desenvolvimento do adolescente

Eizirik e Bergmann (2004) afirmam que a ausência paterna ocorre por diferentes motivos, podendo ser pela separação dos pais; a morte do genitor ou falta de afeto, que tem a possibilidade de gerar uma carência emocional no filho, mesmo em casos em que ele esteja presente, porém estas situações são captadas de modos distintos por cada jovem. A ausência paterna pode ser encarada de diversas formas pelo adolescente, estas que podem provocar consequências em seu desenvolvimento. Geralmente, esses modos são vistos negativamente, visto que, o pai é imprescindível na fase de desenvolvimento do filho.

De acordo com isto, os mesmos autores constatam em suas pesquisas que o fato da ausência continuada do pai, seja ela sentimental ou física, pode eventualmente ser uma causa

perigosa para mudanças em várias questões do desenvolvimento do jovem, seja ele do sexo masculino ou feminino. Assim, estas mudanças podem ser pela prática de atos criminosos, pela posse de armas, consumo de bebidas alcoólicas no âmbito social e escolar. Além do crescimento físico antecipado, grande propensão ao uso de entorpecentes e elevado nível de obesidade.

A presença do pai é de suma importância para a evolução do adolescente, visto que, é ele quem oferece o suporte emocional e o papel de incentivador, sendo estes exclusivos da mãe. Portanto, a relação pai e filho mostra-se essencial para evitar o surgimento de conflitos de personalidade e impasses para relacionar-se socialmente. Reafirmando essa imprescindibilidade do genitor nessa fase de desenvolvimento, a participação do mesmo auxiliará a autoafirmação, autodefesa e conhecimento do meio que vive, dentre outras questões para o seu desenvolvimento.

Outra pesquisa relevante para este trabalho, cujo um dos colaboradores foi Felzenszwalb (2003), aos quais também compartilham das ideias de Damiani e Colossi (2015) afirmando que a presença do pai pode tornar mais simples o alcance da autoafirmação, autodefesa e autonomia, de outro modo, quando há a ausência paterna é possível identificar grandes prejuízos na conquista das questões, e em razão dessa falta, pode provocar uma alteração na disfunção familiar.

Pratta e Santos (2007) dizem que a adolescência dos filhos intervém fortemente na relação familiar, posto que, nessa fase ocorrem várias mudanças, que torna-a mais complicada e angustiante tanto para o adolescente como para a família, sendo que, a família não é apenas uma junção de pessoas e sim um grupo constituído pelas ligações afetivas criadas e que as alterações sofridas por um membro afeta os demais integrantes, portanto, as transformações do adolescente modifica todo funcionamento do ambiente que vive.

Nesse sentido, Eizirik e Bergamann (2004) expõem que é inevitável investigar as repercussões dessa ausência no desenvolvimento psicológico, comportamental e intelectual do adolescente. Sendo assim, o presente tema é de grande interesse atualmente devido as alterações da estrutura familiar, no qual observa-se um aumento da ausência paterna.

De acordo com os estudos de Mason *et al.* (1994) foi possível observar que os problemas comportamentais estão diretamente relacionados aos efeitos do meio social na função intermediadora da falta do pai e da ligação mãe-filho, estas que geram consequências na conduta do adolescente. Posto isso, a ausência do genitor provoca prejuízos a esse jovem, visto que, possuem maior probabilidade de eventualmente apresentarem mal comportamento, entretanto, se há um bom relacionamento com a genitora, pode-se reduzir o impacto da ausência na postura do adolescente e o surgimento de possíveis distúrbios comportamentais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou evidenciar as principais consequências da ausência paterna no desenvolvimento do adolescente. Foi percebido assim, o quanto esses efeitos podem trazer diversos prejuízos na vida emocional e social destes. Portanto, esse estudo demonstra o quão é prejudicial a falta do genitor para o desenvolvimento do filho.

A partir das análises obtidas, nota-se que a ausência paterna tem grande impacto no crescimento do adolescente, trazendo assim diversas consequências no seu meio psíquico e conflitos internos. Os âmbitos emocionais, cognitivos, comportamentais e sociais mostram-se debilitados, no qual muito das vezes cabe a mãe ou a um membro próximo suprir essa ausência.

Conforme o exposto, seria essencial o acompanhamento dos profissionais da psicologia em casos como estes, em que pode ser feita uma intervenção, junto ou não, com a família a fim de proporcionar uma vivência mais serena.

Conclui-se que para desenvolver esse trabalho, encontrou-se uma grande dificuldade no meio de pesquisa sobre o tema proposto, pois a maioria dos artigos encontrados eram limitados a fase da infância, enquanto o principal foco seria o desenvolvimento na adolescência e vale ressaltar também a complexidade de encontrar artigos científicos sobre as consequências psíquicas e formas de tratamento.

6. REFERÊNCIAS

BARIOLA, E.; GULLONE, E.; HUGHES, E. Child and adolescent emotion regulation: The role of parental emotion regulation and expression. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 14, n. 2, p. 198, 2011. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10567-011-0092-5.pdf>. Acesso em maio de 2021.

BEE, H.; BOYD, D. A criança em desenvolvimento. 12 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BENCZIK, E. B. P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-84862011000100007. Acesso em maio de 2021.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em maio, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Marco legal: Saúde, um direito de adolescente.** Brasília, 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em abril de 2021.

BRUN, D. A gramática amorosa da amizade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 10, n. 2, p. 311-319, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/sLxKyTTjmWzRJqyQ96Sjmf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em abril de 2021.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; NETO, O. C.; KOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. In HABIGZANG, L. F.; DINIZ, E.; KOLLER, S. H. **Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica.** 1 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 520p.

CIA, F.; WILLIAMS, L. C. A.; AIELLO, A. L. R. Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 225-233, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/CyCf8rsc7nGhV6jyDWZgVXt/?lang=pt>. Acesso em junho de 2021.

DAMIANI, C. C.; COLOSSI, P. M. A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. **Pensando Famílias.** Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 1-16, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200008. Acesso em março de 2021.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Cadernos de Psicologia e Educação.** Paidéia (Ribeirão Preto), v. 14, n. 29, p. 347-357, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/vGR4cdqjLFGWrD6bXYRHB7d/?lang=pt>. Acesso em maio de 2021.

EAST, L.; JACKSON, D.; O'BRIEN, L. Father absence and adolescent development: a review of the literature. **Journal of Child Health Care**, v. 10, n. 4, p. 283-295, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1367493506067869>. Acesso em junho de 2021.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. Disponível em: http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167. Acesso em junho de 2021.

EIZIRIK, M.; BERGMANN, D. S. Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 26, n. 3, p. 330-336, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/VL5NfS6HGGr99Z9td3374FM/?lang=pt>. Acesso em abril de 2021.

FELZENSZWALB, M. Partenogênese: **Os efeitos da exclusão do pai no desenvolvimento da personalidade e na dinâmica familiar.** 2003. 236p. Tese (Doutorado em Medicina Social) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GILBERT, K. The neglected role of positive emotion in adolescent psychopathology. **Clinical psychology review**, v. 32, n. 6, p. 467-481, 2012. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272735812000694?casa_token=X17xp2

EmCsIAAAAA:Cxt3QUvBdgRkVnBbS9uYSj_8O2OqQgQ9Ibq-WrAFG8JoQG0mpP5Nhkoxkn7r1Wz82pziGx2c. Acesso em maio 2021.

GONÇALVES, T. J. A. Educação dos filhos em família monoparentais femininas: o contributo do Educador Social no desenvolvimento de competências sociais. 2013. 158p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Portucalense, Porto, 2013.

GROSS, J. J.; THOMPSON, R. A. Emotion Regulation: Conceptual Foundations. *In*: GROSS, J. J. Handbook of emotion regulation. (pp. 3-24). New York: Guilford Press, 2007.

GRZANKOWSKA, I. A.; BASIŃSKA, M.; NAPORA, E. The resilience of mothers and their job satisfaction: The differentiating role of single motherhood. **Social Psychological Bulletin**, v. 13, n. 2, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://spb.psychopen.eu/index.php/spb/article/view/2357>. Acesso em maio de 2021.

HALL, G. S. **Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and educations (Vol I e II)**. New York: Wentworth Press. 1925. 622p.

JAFFE, M.; GULLONE, E.; HUGHES, E. K. The roles of temperamental dispositions and perceived parenting behaviours in the use of two emotion regulation strategies in late childhood. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 31, n. 1, p. 47-59, 2010. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0193397309000641?casa_token=7UZOISOneQgAAAAA:hiLvYwUc0O0zXJzZHbAASYWaC7LFhXdkEU0aOGihfx5aUHRafP7VxhJuvcQOsKOMaYUa1tQv. Acesso em junho de 2021.

JENSEN, F. Adolescent Brain Development. **National Clinical Training Center For Family Planning**. Pennsylvania, 06 de nov. de 2019. Disponível em: <https://www.ctcfp.org/adolescent-brain-development-with-dr-frances-jensen/>. Acesso em junho de 2021.

KALINA, E.; LAUFER, H. **Aos pais de adolescentes**. Rio de Janeiro: Cobra Morato, 1974. 160p.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, p. 1-5, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>. Acesso em maio de 2021.

LARSON, R. W.; MONETA, G.; RICHARDS, M. H.; WILSON, S. Continuity, stability, and change in daily emotional experience across adolescence. **Child development**, v. 73, n. 4, p. 1151-1165, 2002. Disponível em: https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-8624.00464?casa_token=cKfS5ai05w8AAAAA:8woGiWnZS2xzL_phtJQPINmagK5fvlrQU TK2dyKjwpQJ8auYo9WYAzVWMC9FK2ZJTPyK0nyiBgka. Acesso em abril de 2021.

LEBOVICI, S. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 310p.
LEVENFUS, R. S. **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. 1. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. 264p.

MARIN, A.; PICCININI, C. A. Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura. **Psico**, v. 40, n. 4, 2009.

MASON, C. A.; CAUCE, A. M.; GONZALES, N.; HIRAGA, Y. Adolescent problem behavior: the effect of peers and the moderating role of father absence and the mother-child relationship. **American Journal of Community Psychology**, v. 22, n. 6, p. 723-743, 1994. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/BF02521556.pdf>. Acesso em maio de 2021.

MATHEUS, T. C. **Adolescência: História e Política do Conceito na Psicanálise**. 1. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. v. 1. 356p.

MCWILLIAMS, N. **Formulação psicanalítica de casos**. Lisboa: Climepsi Editores, 2004. 254p.

MEEUS, W.; IEDEMA, J.; MAASSEN, G.; ENGELS, R. Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. **Journal of adolescence**, v. 28, n. 1, p. 89-106, 2005. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140197104000958?casa_token=_atSh1hGO2IAAAAA:Yz0-di4vfs4YJ568vPOZHCD0ENGLpII5UTS8CufOHXpxK_LpU5DJKPIc6W7ww4E6b2p9OXo6. Acesso em abril de 2021.

MELVIN, L.; WOLKMAR, F.R. **Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência**. 3 Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 496p.

MENDES, D. M. L. F. As expressões emocionais e o desenvolvimento inicial. *In*: SEIDL-DE-MOURA, M. L. (Org.), *Interação social e desenvolvimento* (pp. 71-86). 1 Ed. Curitiba: Editora CRV, 2009. 256p.

MOTA, M. M. D. A. **O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental**. 2008. 203p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

MUZA, G. M. Da proteção generosa à vítima do vazio. *In*: Silveira P. **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998. p.143-50.

NOTO, I. S. Mater certa, Pater incertus: sobre a possibilidade de exercer a função paterna. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 317-333, 2001. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-349225>. Acesso em maio de 2021.

POLLMANN-SCHULT, M. Sons, daughters, and the parental division of paid work and housework. **Journal of Family Issues**, v. 38, n. 1, p. 100-123, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0192513X15593577>. Acesso em junho de 2021.

POLLMANN-SCHULT, M. Single motherhood and life satisfaction in comparative perspective: Do institutional and cultural contexts explain the life satisfaction penalty for single mothers?. **Journal of Family Issues**, v. 39, n. 7, p. 2061-2084, 2018. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0192513X17741178?casa_token=KC-

6FqBpEg0AAAAA%3AfagpW3k850u1JXnwDe7nVlisDGnJ8aUEiqAqYbNfk7D-ipUOFFtB100MjMScHaMgFsoQH9Aqw_BiQA. Acesso em junho de 2021.

PONCIANO, E. L. T.; FÉRES-CARNEIRO T. Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 2, p. 388-397, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/RSNcDyQny5pYCDgCW6CRGzx/?lang=pt>. Acesso em junho de 2021.

PRATTA, E.; SANTOS, M. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVbGL/?lang=pt>. Acesso em abril de 2021.

ROCHA, I. O.; DINIZ, G. R. S. O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES. *IN: A Psicologia - Frente ao contexto contemporâneo*. DEL GLOBO, J. Ponta Grossa: Atena Editora, 2018. 23p.

RODRIGUES, G. A. R.; TEIXEIRA, R. C. P. A falta de limites na relação pais e filhos e o papel da escola. **Revista da Graduação**, v. 4, n. 2, p. 1-18, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/10092>. Acesso em maio de 2021.

SERRA, E. **Adolescência: perspectiva evolutiva**. *IN: VII Congresso INFAD, 1997, Oviedo - Espanha*. ANAIS. Oviedo: INFAD, p. 24-28.

SHINN, M. Father absence and children's cognitive development. **Psychological Bulletin**, v. 85, n. 2, p. 295, 1978. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1979-03306-001>. Acesso em abril de 2021.

SGANZERLA, I.; LEVANDOWSKI, D. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 2, p. 295-309, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000200005. Acesso em abril de 2021.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista**. 2 Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. 748p.

STEINBERG, L. Cognitive and affective development in adolescence. **Trends in cognitive sciences**, v. 9, n. 2, p. 69-74, 2005. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1364661304003171?casa_token=wvkmv0m09tEAAAAA:Uwnrzj8LYxz8kIXAzvIKQOdzMwo-YMz6qcR9196jj3Z2J-PWus7dgKFo4uirXjDT4nhYCmdm. Acesso em maio de 2021.

TRAPP, E. H. H.; ANDRADE, R. de S. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. - **Revista Ciência Contemporânea**. Guaratinguetá, São Paulo, v.2, n.1, p. 45 – 53, 2017. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180301124653.pdf. Acesso em junho de 2021.

WALL, K. Famílias monoparentais. **Sociologia, Problemas e Prática**. Lisboa, v. 43, 51-66, 2003. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/292>. Acesso em março de 2021.

WHO, World Health Organization. **Young People's Health – a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731**. Geneva: WHO, 1986. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>. Acesso em abril de 2021.

YAP, M. B. H.; ALLEN, N. B.; SHEEBER, L. Using an emotion regulation framework to understand the role of temperament and family processes in risk for adolescent depressive disorders. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 10, n. 2, p. 180-196, 2007. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10567-006-0014-0.pdf>. Acesso em junho de 2021.